

GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario: Alfredo Fertin de Vasconcellos

REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10\$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12\$000.

Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

A musica no Brazil

(Continuação)

Entre nós ainda nos ultimos annos da monarchia se regateava favores ás nossas escollas de bellas-artes, e os seus professores tinham vencimentos eguaes aos de empregados de commercio de quarta ordem. Quando se apresentava ao parlamento um projecto cuidando de melhorar a sorte do artista brasileiro, apesar de todo o apoio fingido dos principes reinantes, apesar de todo o valimento e sciencia de um monarcha anti-artístico, era certo ser este recusado *por que havia necessidade de tratar de cousas serias!* Que atrazo! que incuria! que falta de noção artistica!

Em tudo se imitava a França, menos nos auxilios ás bellas-artes, que sempre foram alli poderosos, e basta para o provar lembrarmos-nos que, na camara de 1868, o deputado Guérault achou que era insufficiente a verba de 222.000 francos destinada no orçamento ao Conservatorio de Pariz, porque, dizia elle, não era possivel com tão pequena quantia elevar esse estabelecimento ao nivel a que tinha jus pela sua importancia, como educador do bom gosto do povo, como o agente mais efficaz da reforma dos seus costumes, como a instituição que mais glorias poderia trazer á França.

Fazendo notar o contraste entre as duas monarchias, é bom fazer notar tambem que, já em 1868, a França consignava para o seu Conservatorio de Pariz noventa contos de réis, o que equivale a dizer que,

ha 23 annos, já se dava áquelle estabelecimento o que hoje se dispende com o o seu congénere da Capital Federal.

Voltando porém ao assumpto de que nos affastámos, porque precisávamos apresentar argumentos contra os apoucados de talento que acham excessivo o auxilio dado pela Republica aos nossos estabelecimentos de ensino de bellas-artes, devemos dizer o que pensamos a respeito do dever dos governos diante d'esta expansão que se deu no nosso meio artistico.

Não é bastante a boa vontade, o talento e o trabalho dos artistas e o poderoso auxilio do pequeno grupo que os incita e applaude; é preciso o favor do governo, mas favor largo e poderoso.

De todo o auxilio que o Governo Provisorio deu ás bellas-artes nós vemos já patentes os resultados beneficos.

Começam a apparecer os productos da sementeira lançada ao campo da Arte pelo ministro Aristides Lobo, cuja intuição artistica é provada.

A Escola Nacional de Bellas-Artes e o Instituto Nacional de Musica são duas escolas — modelo, como as não ha melhores no estrangeiro. A' frente d'ellas apparecem-nos dous artistas que rivalisam em talento e em patriotismo e que são duas promessas. Dos seus corpos docentes fazem parte artistas do que temos de melhor e alguns consagrados já nos grandes centros artisticos europeos. N'aquelles estabelecimentos trabalha-se, faz-se Arte, educa-se uma geração futura de artistas.

Entre os nossos artistas nota-se uma solidariedade de irmãos; juntam-se pintores e musicos para de commum accordo trabalharem pelo engrandecimento da Arte brasileira; se toca-se uma musica nova, lá estão os representantes das artes plasticas a applaudil-a; se se faz uma exposição de quadros lá vão os musicos com a sua presença impor o respeito pela nova criação de um artista.

Depois da Republica já vimos mais de uma exposição de quadros, e o indigena admirado soube que se venderam telas de artistas nacionaes por quatro, cinco, dez e vinte contos de réis! Já vale a pena ser pintor no Brazil e quando se abre uma exposição, já estão vendidos quazi todos os quadros expostos.

Esta expansão artistica deve-se á proclamação do novo regimen e ao auxilio que ás Artes, prestou o Governo Provisorio.

O que irão fazer, porém, os governos futuros, os governos legislativos? Que meios fornecerão para o engrandecimento do nosso meio

artístico? Qual será o grão de intuição artística das camaras legislativas? Com que recursos, com que auxilios poderão contar os nossos artistas? São interrogações estas que nos deixam apprehensivos e medrosos.

Já se fez alguma cousa, mas o que resta fazer é enorme. Caminhou-se um pouco na trilha da Arte, mas o que falta para chegar ao seu engrandecimento, á sua prosperidade, é ardua tarefa que só se pôde vencer á força de patriotismo e de boa vontade.

A educação artistica de um povo faz-se pela musica. E' a musica que dá molde novo ao character de um povo e só ella é capaz de n'elle crear um sentimento novo.

O que se tem feito para isto?

Nada.

O pintor brasileiro, o esculptor, o architecto, já tem quazi seguro o seu futuro. Tenha talento, tenha audacia, produza, e não faltará quem queira fazer aquisição do seu trabalho, sem se importar do elevado preço.

E o musico?

Feita a sua composição, onde pôde executal-a? Onde está a orchestra que faça apparecer a sua obra? Onde o empresario de concertos? Onde o theatro subvencionado que se incumba de a tornar conhecida e admirada?

E' d'esta lacuna que precisamos cuidar.

A instituição de concertos populares, onde se eduque o gosto do publico, a criação de orchestras municipaes de primeira ordem que executem as grandes composições dos nossos maestros, a reforma radical das nossas bandas militares, que actualmente são inuteis, imprestaveis, sem organização, eis as primeiras cousas a fazer, o primeiro passo que pôde dar o nosso governo para o desenvolvimento e o progresso da arte musical entre nós.

Os concertos populares podem ser organizados e dirigidos pelo director do nosso Instituto de Musica, para isso commissionado pelo governo, que deve subvencionar esses concertos.

Não nos falta para elles, senão o auxilio pecuniario do governo, que temos a capacidade provada do regente, o valor das composições, a competencia dos executores, a boa vontade de uma parte do publico.

Mas o que se pôde fazer n'este campo da Arte sem o auxilio em questão?

Como pôde o musico de orchestra educar-se, se não executa as grandes composições orchestraes? Como pôde disciplinar-se sem a direcção de um bom regente?

Para que ha de o artista nacional compôr se as suas producções não são executadas ?

O que pôde fazer a parte do publico que frequenta os concertos, se os não pôde sustentar ?

As tentativas particulares teem cahido, apesar de que a concurrencia publica augmentou de anno para anno.

O que é impossivel é conseguir-se entre nós por iniciativa particular, pela boa vontade do publico, pelo sacrificio dos compositores, o que ainda se não conseguio em Pariz, para onde o governo francez consigna no seu orçamento quinze mil francos de subvenção aos concertos de Colonne e egual quantia a Lamoureux.

A França incumbe-se de nos provar que qualquer tentativa d'este genero é inutil sem o auxilio do governo.

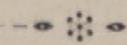
E' impossivel que o compositor brasileiro continue a não encontrar a compensação pecuniaria do seu trabalho e seja o eterno explorado do seu paiz, que partilha das suas glorias sem se importar com os seus sacrificios.

O pintor vende o seu quadro e encontra n'essa venda a compensação pecuniaria do seu trabalho, e o musico ?

Nas exposições encontra o pintor a admiração publica a lisongear-lhe a sua vaidade de artista, como a encontra o musico na audição do seu trabalho, mas, finda a exposição, vende aquelle o seu quadro enquanto que este... vae dormir sobre as suas glórias.

E' preciso, pois, é indispensavel a criação de premios destinados aos trabalhos musicaes de reconhecido merito, a criação de concertos populares, onde sejam ouvidas as producções dos nossos artistas e recompensado o seu trabalho. E' preciso que o musico brasileiro encontre, como o pintor, o meio de viver da sua arte e que definitivamente se torne uma realidade entre nós a carreira artistica para aquelles que teem talento e que podem produzir.

(Continúa).



Le Rêve

Em 18 de junho d'este anno representou-se pela primeira vez no theatro da Opera Comica, de Pariz, este drama lyrico em quatro actos e

sete quadros, extrahido do romance do mesmo titulo, de Zola, e posto em musica por Alfredo Bruneau.

A critica pariziense cercou o nome de Bruneau dos maiores doestos, dos mais rasgados elogios. Os criticos que mais fortes satyras lhe dirigem reconhecem comtudo o seu grande talento e as mais desencontradas opiniões temos lido sobre o trabalho do compositor parisiense.

No nosso intuito de trazer os nossos leitores ao corrente do que se passa no mundo artistico, esperavamos a occasião de poder fallar largamente sobre este trabalho, que tamanha revolução tem feito na critica franceza, e julgamos do nosso dever transcrever diversas opiniões que encontramos na *Revue Encyclopedique*, firmadas por Arthur Poujin, Joncières, Thémines, E. Reyer, Adolphe Julien e Alfred Ernst.

Todos quantos estudam a evolução da musica franceza, todos os que observam as reformas da arte de composição, terão grande interesse em ler taes opiniões que irão de certo fazer-lhes desejo de estudar a partitura do joven *maestro* indisciplinado.

E' nesse intuito que cedemos a palavra aos criticos francezes :

∴

« O Sr. Alfredo Bruneau é um feliz mortal. Ainda bem não tinha terminado a sua opera *Le Rêve*, e já esta entrava em ensaios no fugitivo Theatro Lyrico instalado no Eden pelo Sr. Verdhurst. O naufragio d'esta empreza, deixando-lhe o trabalho nas mãos, fez com que o compositor fosse corajosamente procurar o Sr. Duquesnel que, privado de repente do auxilio de Mme. Sarah Benhardt, não sabia muito bem o que fizesse e pensava vagamente em iniciar uma campanha musical na Porte-Saint-Martin. As cousas iam demoradamente quando, emquanto que o Sr. Duquesnel apalpava terreno e hesitava, tornava a ser collocado á frente da Opera Comica o Sr. Carvalho. Bruneau voltou-se então para este lado e offereceu a sua opera ao Sr. Carvalho que, nada tendo prompto para levar á scena, consentiu em ouvil-a e acceitou-a, sem entusiasmo a principio, mas pensando que era o trabalho de um *novo*, que ficariam satisfeitos de o verem inaugurar assim a sua nova direcção e que uma tentativa d'este genero seria um ponto de ligação para com o publico e com a critica.

O trabalho foi pois acceito, distribuido de uma forma soberba, immediatamente posto a estudo, montado com o maior cuidado e representado ao fim de algumas semanas apenas. Repito pois que o Sr. Bruneau é um feliz mortal, pois com um trabalho mal prompto, *criticavel* em todas

as suas partes achou-se na frente de grande numero de musicos que, no caso de não terem prestado á arte um serviço assignalado, não teriam pelo menos a exprobar-se a enorme mystificação de que elle se tornou culpado.

Ah! quanto os Srs. Vidal, Pierné, Wormser, ou outros que eu poderia citar entre os *novos*, teriam sido mais dignos de uma tal fortuna e d'ella saberiam aproveitar-se!...

Se do autor eu passo ao trabalho direi que era, segundo penso, uma ideia muito exquisita o ir procurar no *Rêve*, esse romance singular do Sr. Emile Zola, o assumpto de um trabalho scenico e sobre tudo musical. Um romance mystico e quasi psicologico, sem acção, sem movimento, sem incidente, tendo por heroína uma rapariga allucinada (alguns hoje diriam hysterica) que tem *des voix*, com Joanna d'Arc (!) que, não attende senão a ella, que só por ella age, e da qual, por consequencia, a conducta e os sentimentos soffrem as mais variadas fluctuações, sem que alguém possa comprehendel-as absolutamente, — é este seguramente um assumpto singular para ser transportado para a scena, de um interesse muito fraco e de um fundo sem importancia. Afora isto é recheiado de episodios cuja apresentação ao publico não é de forma alguma destinada a recreal-o, taes como os da extrema unção, administrada pelo bispo á joven Angelica, ou ainda, depois da cura, ou por outra: a resurreição desta, a sua morte subita na igreja no momento em que acaba de celebrar-se o seu casamento.

Tudo isto não é dramatico, mas simplesmente funebre, e não é emoção o que isto desperta, é angustia. A impressão sobre os espectadores foi tal que, depois do ensaio geral, acharam prudente supprimir o ultimo quadro e que apoz a primeira representação, em que se tinham ouvido muitos protestos, foi cortada a scena da extrema unção que, não só era penosa, como chocava certos sentimentos intimos e de toda a maneira respeitaveis.

Em poucas palavras eis a acção da peça. Angelica é filha adoptiva de de dois honestos esposos, Huberto e Hubertina, que a amavam como se ella fosse de veras sua filha.

E' uma rapariga de character mystico e terno, que sonha morrer virgem e pura, esposando aquelle que não pode deixar de encontrar e a quem ella jurou amar tanto quanto d'elle se sentia amada. Encontra-o effectivamente sob os traços do joven Feliciano, que não é outro senão o filho do bispo João d'Hauteceœur. Mas o bispo, que havia perdido em tempos remotos a esposa que adorava, e do qual o coração ficára sempre sangrando com esta perda, impõe-se o dever de poupar seu filho a uma dôr

semelhante. Para isso, elle destina-o á igreja e recusa absolutamente deixar-lhe tomar esposa. Todos os pedidos, todas as instancias, todas as supplicas são perdidas para com elle. Angelica, no entanto, cujo amor por Feliciano é extremo cahe tão gravemente doente que fica em perigo de morte. O bispo, á vista das exprobações do filho, exprobações que não parecem immerecidas, humanisa-se; vae á cabeceira da moribunda a quem administra a extrema-unção, depois roga a Deus para que a chame á vida e Angelica é salva effectivamente. No arranjo primitivo da peça a heroína apparecia-nos ainda na igreja fulminada de morte repentina no momento em que acabava de esposar Feliciano. Agora, a peça, termina no quarto de enferma, onde ella não recebe mais a extrema-unção e onde volta á vida sem que se saiba o que acontecerá depois. — Estranha peça, em verdade, e bem feita para desconcertar todos os sentimentos que o espectador leva de ordinario para o theatro! E' verdade que a musica escripta para esta peça pelo compositor é de natureza a desconcertal-o muito mais ainda.

(Continúa).



Chronica Musical

Arido e triste é o campo em que temos de colher assumpto para a nossa chronica. A arte musical anda foragida. Fechou-se o theatro lyrico e a pobresinha vê em todos os demais theatros desta capital terriveis inimigos, contra os quaes ha muito tempo lucha sem poder vencel-os.

De mais a mais, acaba de asylar-se no *Polytheama Fluminense* uma companhia de cavallinhos : o terror das bellas-artes.

E' sabida a predilecção do publico por esse genero de diversões.

Pòdem embora cantar nos salões e nos theatros as peregrinas vozes das mais afamadas cantoras ; pòdem gemer ou estrugir nos amphitheatros ou ao ar livre as mais celebres orchestras do mundo, em havendo espectaculos de acrobacia, dansas na corda bamba, exercicios de equilibrio no trapezio, no arame entesado, no tapete do circo ou na barra fixa, em havendo volteios equestres sobre o selim almofadado ou sobre o liso lombo de bellos animaes em pello, é certo que a mòr parte da população abandona tudo para encher as archibancadas, varandas, cadeiras, e camarotes do Hyppodromo e assistir ás pachuchadas dos *clowns*.

O que succede aqui no Rio de Janeiro é felizmente para os nossos fóros de povo civilisado, o mesmo que acontece em todos os paizes os mais adiantados do mundo.

Mas o peor é que nesses outros paizes ha publico para tudo e, quanto se encham os circós, os cafés-cantantes e os theatros a preço barato, não deixam tambem de ser frequentados os theatros de primeira ordem e os salões, em que a fina arte celebra as suas festas intimas ou solemnes.

*
**

Apezar dos pezares, ainda podemos dar graças ao bom gosto de grande parte da sociedade fluminense á escola, que se dedica sinceramente ao culto da verdadeira arte e não deixa apagar-se a chamma da lampada que lhe illumina os ambitos do sagrado templo.

D'entre os grupos das mais dedicadas sacerdotisas desse culto venerando destaca-se o denominado de *Santa Cecilia*, que ainda a 29 de Outubro proximo findo realizou o seu 7º concerto no salão nobre do Club Guanabareense, em Botafogo.

No programma da festa, habilmente organizado, figuravãem nomes dos mais enflorados no mundo musical, concorrendo com os brilhantes fructos da sua inspiração sempre fresca e juvenil para fazer realçar os preciosos dotes de gentilissimas amadoras fluminenses e o merecimento incontestavel de mestres e *dilettanti*, que se encarregaram da respectiva interpretação.

Para quem conhece certo numero de distinctas senhoras do nosso *high-life*, dedicadas ao cultivo do canto e do piano, dispondo de vozes robustas e bem disciplinadas, bem como de mãos adestradas no manejo do teclado do piano, não pôde parecer exagero o dizer-se que na capital da Republica Brasileira fulgem talentos e vocações musicaes em muito maior profusão e com brilho muito maior do que nas principaes cidades do velho mundo, onde as bellas-artes attingiram elevadissimo grão de desenvolvimento e perfeição.

Para que um artista qualquer consiga commover e enthusiasmar o auditorio do Rio de Janeiro, é preciso que elle seja realmente uma celebridade, porque á nossa fina sociedade são perfeitamente familiares todos os segredos da arte e seus correspondentes encantos.

Quantos e quantos artistas têm vindo a esta capital para exhibir-se em concertos publicos e têm arripiado carreira, conhecendo o terreno em que pizam e os emulos que aqui vêm encontrar ! ?

Quem assiste a um dos concertos do laureado *Grupo de Santa Cecilia* tem a eloquente prova de quanto affirmamos, e, si é estrangeiro, fica abysmado diante da manitestação esplendida dos talentos e vocações que possuímos, dos elementos de que dispomos para reclamar no Pantheon da arte musical o logar de honra, que nos compete.

Esta é a verdade, dita sem rebuços, sem modestia e sem o intuito de favorecer a vaidade de quem quer que seja e pois que não citamos nomes e nem assignalamos predilecções que seriam de todo o ponto injustas e menos convenientes.

∴

Annuncia-se a breve chegada do grande orgão, mandado expressamente fabricar na mais reputada officina da Allemanha para o nosso Instituto de Musica. Para accomodal-o com as devidas honras prepararam-se obras importantes no edificio, em que funciona essa utilissima instituição e parece que, sem hyperbole, podemos affirmar ser esse orgão um dos mais perfeitos, senão o mais perfeito, até hoje, de quantos hão sahido das fabricas européas.

Devemos ter orgulho com isso.

∴

Ausentou-se temporariamente, seguindo para a Italia, o sympathico professor Enrico La Rosa, õ correcto violinista, que deveu a seu raro e aproveitado talento de *virtuose* notavel a sua nomeação para a cathedra que rege no nosso Instituto de Musica.

Antes de retirar-se, realisou o seu concerto de despedida, a 4 do passado, tocando com a costumada maestria importantes peças do mais apreciado repertorio em nossa actualidade.

Prestaram-lhe valioso auxilio n'esse concerto estimados *maestris* e amadores, que com elle partilharam dos sinceros applausos de selecto auditorio.

Que volte breve, é quanto de coração almejamos.

∴

Está esgotado o assumpto da nossa desenxabida chronica. Será talvez o caso de os que nos dão a honra de lêl-a bater as palmas e render graças ao feliz acaso, que, privando-me de ser mais extenso, lhes poupa o desgosto de mais uns cinco ou dez minutos de fastidioso passatempo.

Mas... que querem? Si mais e melhor não faz o chronista, é porque não pôde nem sabe...

A. CARDOSO DE MENEZES.

❖

Instituto Nacional de Musica

Do distincto director do nosso Instituto, o maes'ro L. Miguez, recebemos o relatorio por elle apresentado no corrente anno ao cidadão João Barbalho Uchoa Cavalcanti, ex-ministro da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, sobre o estabelecimento que dirige.

Acabamos de percorrel-o e transmittimos aos leitores da *Gazeta* algumas informações relativas ao Instituto.

Creando este estabecimento por acto de 12 de Janeiro de 1890 e dotando-o de todos os elementos necessarios ao preenchimento do fim a que se destina prestou o primeiro ministro da Instrucção, o illustre cidadão Dr. Aristides da Silveira Lobo um relevantissimo serviço á arte brasileira, erguendo-a por esse modo á altura compativel com o grande adiantamento e civilisação do nosso paiz.

Os esforços fecundos e patrioticos desse cidadão foram secundados com vantagem pelo seu successor, o benemerito Dr. Benjamin Constant, que igualmente tão grande impulso deu á Instrucção em nossa patria.

Realizadas as condições desejeveis em um Instituto d'essa ordem e collocada á sua frente uma personalidade do valor de L. Miguez, não é de admirar o desenvolvimento extraordinario que elle tem tido e só resta á acção do tempo consagrar a obra d'aquelles dous ministros, pois não se farão esperar os resultados magnificos, que produzirá em quatro ou cinco annos o ensino, tal como é hoje ministrado n'aquelle estabelecimento.

Tendo em vista melhorar, de accordo com o progresso que vamos tendo, a instrucção musical theorica e pratica nas bandas militares, e aproveitar verdadeiras vocações artisticas, que entre os musicos do exercito, não raro se encontram, propôz L. Miguez ao ministro Benjamin Constant a creação do *Gymnasio Militar*, e chama em seu relatorio a attenção do Governo para o projecto que n'esse sentido apresentou naquella epoca e que se acha hoje na Secretaria da Guerra.

Ao ministro a quem acabamos de nos referir e ao seu digno successor o Dr. João Barbalho Uchoa Cavalcanti deve-se a realisacção de importantes obras no edificio, com o fim de alargar a area destinada ao

exercício das classes, e que era evidentemente insufficiente pois era preciso fazer trabalhar vinte e cinco classes em quatro salas, das quaes duas apenas tinham as condições necessarias de hygiene e luz. Para o alargamento da referida area foi feita a aquisição de dous predios contiguos ao Instituto.

No relatorio vem indicada a necessidade instante do alargamento do acanhado salão de concertos, sobretudo agora, que vamos receber o grande orgão de dezesseis pés construido em Francfort sobre o Oder e sobre o qual já demos larga noticia em um dos ultimos numeros da *Gazeta*.

Calculada, como está a sonoridade d'esse soberbo instrumento como superior á que podem produzir trezentos executantes, e juntando-se-lhe a orchestra e o corpo choral do Instituto que deve contar duzentos a duzentos e cincoenta alumnos, resalta a manifesta insufficiencia do local, já para conter, além dos executantes, os espectadores, já para supportar uma tão grande e poderosa sonoridade.

O director do Instituto já apresentou ao Engenheiro do respectivo Ministerio uma planta, que permite a realisação d'esse melhoramento, sem grande dispendio, que será em todo caso bem compensado por ser um complemento natural do que até hoje se tem feito, em bem do Instituto e já se deu começo ás obras.

Para o referido orgão, mandou L. Miguez adoptar o diapasão de 870 vibrações simples, que os principaes paizes da Europa acceitaram como diapasão normal.

No seu relatorio justifica largamente as vantagens e necessidades dessa adopção consagrada aliás pelos grandes centros artisticos do mundo e pede que o nosso Governo seguindo o bom exemplo dado pelos governos europeus, torne effectiva essa adopção em todas as bandas do exercito e marinha, assim como nos estabelecimentos de ensino musical, theatros, concertos, etc.

O movimento de alumnos o anno passado foi de 243 representando 338 matriculas.

Depois das 3 classes de solfejo em que as matriculas foram respectivamente 88, 69 e 64, as mais concorridas foram as de piano, 54 alumnos, e violino 20.

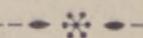
Dos 243 alumnos, eram nacionaes 235 e estrangeiros 8.

Do sexo masculino 58, do sexo feminino 175.

O director não poupa esforços para augmentar a bibliotheca, o Archivo e o Museu do Instituto.

Terminamos esta ligeira resenha do relatorio rendendo ao seu emerito auctor, o maestro L. Miguez, a devida homenagem pela bôa direcção que

tem dado ao estabelecimento em bôa hora a elle confiado e enviando-lhe os nossos parabens pelos reacs serviços que tem prestado e que esperamos continuará a prestar no honroso posto a que o Governo Provisorio tão justamente o collocou e no qual desejamos vel-o permanecer por longo tempo, para que a arte nacional possa colher o desejado fructo dos labores do nosso laureado e intelligente compatriota.



Noticias do Rio e Estados

BRINDIS DE SÁLAS

De passagem por esta capital o violinista cubano Brindis de Sálás, deu alguns concertos no Cassino e no Polytheama.

Só hoje podemos fallar d'este concertista e, em boa verdade, estimamos ter sido obrigado a retardar a nossa critica que não pôde ser lisonjeira ao violinista cubano.

Collegas nossos affirmáram ser o Sr. Brindis de Sálás primeiro premio dos Conservatorios de Pariz e de Leipzig, o que nos custa a acreditar, não só porque não são estes titulos para serem desprezados, especialmente por quem não perde a occasião de annunciar-se *violinista da camara de S. M. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia*, titulo aliás de menor valor, como porque não tem o violinista em questão nenhuma das escolas citadas.

A *escola* do Sr. Brindis é uma maneira propria e deffectuosa; não constitue o que realmente se chama escola. A posição dos seus braços é detestavel, sem flexibilidade no pulso direito, produzindo máo som, aspero e desagradavel. O seu estylo é muito falso e não lhe notamos qualidade alguma que o reccmmende.

De todas as peças executadas a que mais agradou foi, incontestavelmente, o *Carnaval Russo*, de Wieniawski, peça de grande difficuldade e de um genero em que o Sr. Brindis de Sálás deve sempre agradar muito.

E' esta a nossa opinião e lamentamos profundamente o não podermos ser tão agradaveis quanto desejávamos para com um concertista que pela primeira vez vem ao nosso paiz.



— No proximo dia 16 do corrente principiam os exames annuaes do Instituto Nacional de Musica.

As mezas examinadoras, que serão presididas pelo director, estão assim constituidas :

Theoria Elementar: — Srs.: Porto Alegre, Côrtes, H. Braga e Arnaud.

Solfejo e canto choral: — O mesmo jury designado para theoria elementar.

Teclado: — D. Gemma Luziani e Srs. Bevilacqua, Fertin de Vasconcellos e Chambelland.

Piano: — O mesmo jury de teclado.

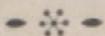
Canto a sólo: — Srs. Gilland, Antonio Carlos. H. Braga e Borgogino.

Harmonia: — Srs. Antonio Carlos, Bevilacqua, Nascimento e Porto Alegre.

Harpa: — D. Luigia Guido e Srs. Bevilacqua, Antonio Carlos e Porto Alegre.

Instrumentos de arco: — Srs. Tatti, Ronchini, Martini e Nascimento.

Instrumentos de sopro: — Srs. Duque-Estrada, Coutinho, Agostinho e Mesquita.



Noticias do Estrangeiro

— A viuva Wagner recebeu da direcção do theatro de Bayreuth a quantia de cem mil francos pela parte que lhe cabia (10%) como herdeira do grande mestre allemão.

— O *clou* da actual exposição de electricidade de Francfort é o piano electrophonico, que reúne as vantagens do piano e as do harmonium. A vibração das cordas é obtida com o auxilio de electro-imans; os sons na escalla maior assimelham-se aos da harpa eolia e na escala menor aos do violoncello. O mecanismo pôde ser adoptado a qualquer piano; n'este caso pôde-se tocar como em um piano commum sem o auxilio dos electro-imans; pôde-se tocar de forma a que as cordas feridas pelos martelos resôem por um tempo consideravel, e fazer sahir os martelos do circuito e servir-se exclusivamente dos electro-imans. Obteem-se assim methodos differentes que produzem effeitos acusticos variados. A parte electrica do mecanismo é das mais simples: uma pequena bateria de accumuladores serve para accionar os electro-imans e estes produzem a vibração das cordas.

— Parece que o conhecido compositor bohemio Dvorak vae tomar a direcção do conservatorio de Nova York.

— O programma do primeiro concerto Colonne, que se realisou no Châtelet em 18 do passado foi o seguinte : Beethoveen — 1^a *symphonia* ; Saint-Saëns — Aria de *Etienne Marcel*, cantada por Mlle Montalant ; Massenet — fragmentos symphonicos da *Esclarmonde* ; Wagner — fragmentos dos *Mestres Cantores* ; Lalo — *l'Esclave* ; Berlioz — *Villanele* ; Tschaïkowsky — *Marcha slava*.

— Tem obtido verdadeiro successo e dado fortes receitas ao empresario a *Manon* de Massenet, merecendo grandes ovações no desempenho o tenor Delmas e o soprano Sanderson.

E' opinião geral que é esta a melhor obra de Massenet.

— Em substituição de Franco Faccio foi nomeado director do Conservatorio de Parma o Sr. Giuseppe Gallignani.

— Diz o *Amphion*, de Lisbôa, que, a titulo de *economia*, foi suprimido o logar de bibliothecario do Conservatorio de Lisbôa que nunca teve ordenado nem gratificação !

— Rubinstein terminou um trabalho novo, a opera russa *Les Tsiganes* baseada no poema de Pouschkine. Parece que a nova opera será traduzida em allemão e representada pela primeira vez em Berlim.

— No Trianon, em Versailles, realisou-se uma representação historica muito interessante, que devia transportar o publico aos tempos de Maria Antonietta. O theatro, bastante bem conservado, concorreu para a illusão, e a sala, que tem tresentos logares, achava-se illuminada por vellas e lampadas. A intenção de todos se apresentarem em trajes da época foi abandonada. Os artistas da *Comédie Française* abriram a representação com *La gageure imprévue*, de Sedaine, seguindo-se *Le devin du village*, de J. J. Rousseau (notavel por Maria Antonietta ter cantado a parte de Colette, n'uma representação de gala). O choreographo Hansen arranjou um bailado *Psychè e Amor*, com musica de Lulli, Gluck, Grétry, Rameau e outros compositores d'aquelles tempos, que foi dansado por artistas da *Opéra-Comique*.

Companhia Importadora

DE

PIANOS E MUSICAS

Grande sortimento de musicas de todos os autores, tanto nacionaes como estrangeiros, a preços baratissimos.

Compra, vende, aluga, concerta e afina pianos, a preços razoaveis.

73, Rua Gonçalves Dias, 73

CAPITAL FEDERAL

CASA EDITORA
Fertin de Vasconcellos & Morand

ESTABELECIMENTO DE
PIANOS E MUSICAS

Sortimento de pianos de Pleyel, Herz, Gaveau, Bord, etc.
Aluga, vende e concerta.

MUSICAS DE TODOS OS EDITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

VARIEDADE DE

Mochos, estantes, isoladores, assucenas, diapasons, capas, etc.

42, Rua da Quitanda, 42
RIO DE JANEIRO

A RABECA DE OURO

Grande fabrica de instrumentos de musica, premiados nas exposições do
Brasil, Portugal, Philadelphia, e ultimamente na grande
exposição Universal de Paris

João dos Santos Couceiro

Fornecedor do Instituto Nacional de Musica

Grande sortimento de Rabecas, Violoncellos, Contra-Baixos, Violões,

Bandolins

Todos os artigos pertencentes a instrumentos de musica são importados
directamente da Europa.

Especialidade em cordas para todos os instrumentos.

N. 42, Rua S. Francisco de Assis, N. 42
(Antiga da Carioca)

Rio de Janeiro

PIANOS

DE

Pleyel, Erard, Herz, Gaveau, Bord, Ph. H. Herz, Elcke, etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

DE

Harmoniums de Mason & Hamlin, Chicago Cottage, Alexandre Père & Fils,

Harpas de Erard & Comp.

UNICO DEPOSITO

DOS

Pianos de J. Blüthner

Grande e variado sortimento de bancos, estantes, isoladores capas. cordas,
feltros, sedas, pelles, metaes, etc.

Especialidade em ferramentas e artigos para reparação de pianos

Vendas excepcionaes e garantidas

Buschmann & Guimarães

52 — RUA DOS OURIVES — 52

PIANOS

Vende, aluga, troca, concerta e afina pianos com toda a
perfeição, a preços razoaveis.

Compra pianos em bom estado

AFFONSO PIRES

29, Rua da Constituição, 29

RIO DE JANEIRO